

**A CULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E OS BENEFÍCIOS
PARA ESTUDANTES NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, NA MODALIDADE
EDUCAÇÃO ESPECIAL - APAE**

***BODY CULTURE IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND ITS BENEFITS FOR
STUDENTS IN BASIC EDUCATION SCHOOLS, IN THE SPECIAL EDUCATION
MODALITY – APAE***

Benedita Lurdes da Silva¹

Khaled Omar Mohamed El Tassa²

Gilmar de Carvalho Cruz³

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de explorar a prática corporal, na perspectiva do Currículo Cultural, nas aulas de Educação Física em uma Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial - APAE da cidade de Prudentópolis/PR. A cultura corporal diz respeito à relação entre o corpo e o contexto sociocultural em que está inserido (Neira, 2018). Pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), foi possível observar as propostas realizadas a partir dessa perspectiva na escola selecionada, as especificidades de cada estudante que nela estuda e como isso beneficiou tais alunos. A pesquisa concluiu que possibilitar aos discentes com necessidades de suporte adaptativo especial, que conheçam os seus corpos e se relacionem com o seu repertório sociocultural, contribui para que eles adquiram autonomia e protagonismo nas práticas corporais de movimento.

Palavras-chave: Escola Especializada. Educação Física Escolar. Cultura Corporal.

ABSTRACT

This article aims to explore body practice, from the Cultural Curriculum perspective, in Physical Education classes at an Elementary School, in the Special Education modality – Association of Parents and Friends of the Exceptional (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE) in the city of Prudentópolis, in the State of Paraná, in Brazil. Body culture refers to the relationship between the body and the sociocultural context in which it is inserted (Neira, 2018). Through Content Analysis (Bardin, 2016), it was possible to observe the proposals made from this perspective at the school, the specificities of each student there, and how it benefited them. The research concluded that enabling students with special adaptive support needs to get to know their bodies and relate to their sociocultural repertoire helps them acquire autonomy and protagonism in body movement practices.

Keywords: Specialized School. School Physical Education. Body Culture.

1 Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Centro-oeste (UNICENTRO). E-mail: benedita.silva@escola.pr.gov.br

2 Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: khaleunicentro@hotmail.com.

3 Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: gilmarcruz@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial – APAE, possuem especificidades que precisam ser levadas em conta em todas as disciplinas. No contexto das aulas de Educação Física Escolar, isso é ainda mais complexo, uma vez que, geralmente, é preciso sair de um espaço físico mais restrito para um espaço físico mais amplo, sendo necessário que haja maior colaboração para que o ensino e a aprendizagem desses estudantes possibilite o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo nos movimentos corporais. Existem estudantes com maior ou menor mobilidade, com ou sem deficiência visual, comportamentos mais ou menos agitados, comunicação das mais diversas maneiras de linguagens, entre outros fatores como comportamentos disruptivos. Para que as aulas possam contribuir na sua formação pessoal, os estudos sobre a cultura corporal apresentam uma perspectiva promissora.

A cultura corporal diz respeito à relação entre o corpo e o contexto sociocultural em que cada estudante está inserido (Neira, 2018). Trabalhar com esta perspectiva nas aulas de Educação Física Escolar significa compreender que a motricidade, as funcionalidades e as possibilidades do corpo podem ou não fazer parte de um contexto sociocultural amplo.

Além disso, é preciso compreender que, apesar dos avanços na Inclusão Escolar, algumas atividades são inviáveis para determinados estudantes (Omote, 2003), havendo, então, a necessidade de compreender que nem todos precisam aprender ou realizar as mesmas coisas, muito menos da mesma forma.

Os documentos oficiais que norteiam a Educação em nível federal e estadual (Paraná, 2014), especificamente, a Educação Especial, tendem a priorizar os componentes curriculares e a inclusão da diversidade de cada estudante a esses conhecimentos. Contudo, compreende-se que os estudantes na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial – APAE, participam de um contexto sociocultural distinto, sendo necessário que haja a priorização dos conteúdos e metodologias que contemplem a efetivação com a realidade.

Este artigo é o resultado de uma dissertação, que buscou compreender na perspectiva da cultura corporal, as práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar, que podem contribuir no desenvolvimento da autonomia e do protagonismo de 31 estudantes com diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde, que demandam do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos, do Ensino Fundamental anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos – Fase I. A análise foi realizada em uma Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE, do município de Prudentópolis/PR.

Assim, pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), foram analisadas práticas pedagógicas realizadas nesta escola, que visavam o trabalho com a cultura corporal nas aulas de Educação Física Escolar. Este estudo se caracteriza como pesquisa exploratória (Moreira; Caleffe, 2006), tendo em vista que identifica os fatores que contribuem e determinam os acontecimentos dos fatos. Ademais, a pesquisa-ação (Barbier, 2002) foi utilizada, pois permite aos participantes a expressão de como percebem a realidade do objeto da sua luta ou da sua emancipação.

O artigo é dividido em quatro seções: referencial teórico; procedimentos metodológicos; apresentação e discussão de resultados, bem como considerações finais, as quais são apresentadas a seguir.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para qualquer iniciativa educacional, é essencial compreender profundamente o que será realizado, para quem será realizado e como será implementado. Neste estudo, concentramo-nos especificamente na Educação Física Escolar em uma Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial – APAE, sob a ótica do Currículo Cultural, que visa a prática corporal de movimento na contemporaneidade.

O nosso objetivo geral é analisar como as práticas corporais nas aulas de Educação Física contribuem para a autonomia e o protagonismo do movimento corporal de estudantes com diagnóstico de deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências ou transtornos, com déficits significativos, tanto no funcionamento intelectual, como nas relações sociais e de saúde, que demandam do contexto escolar práticas pedagógicas que possibilitem apoios contínuos e/ou pervasivos. Portanto, entendemos que esses são estudantes que necessitam de suporte adaptativo especial, podendo ser constante ou ocasionais.

O ambiente escolar é uma teia na qual cada ponto se conecta ou se desconecta com a prática diária. Múltiplos textos e contextos narram e anunciam significados pretendidos e percebidos por aqueles que coabitam nesse espaço. Esses são discursos e práticas sociais que se materializam em culturas individuais, transformando-se em leituras e representações multiculturais que emergem da interpretação coletiva de fenômenos sociais e culturais.

Embora a cultura escolar muitas vezes tenda à homogeneização e monoculturalidade, negando ou apagando as diferenças ao considerar estudantes como iguais ou de que direitos são iguais, é fundamental reconhecer que a diferença é essencial para a ação educativa. Ela permeia os processos educacionais fundamentais e precisa ser identificada, revelada e valorizada, expandindo a nossa capacidade de lidar com ela (Candau, 2008). Portanto, é necessário compreender que a igualdade permeia o direito de ser igual na amplitude da diversidade humana.

Morin (2000) contribui para essa perspectiva, ao enfatizar o papel da cultura e da sociedade na realização dos indivíduos, em que as interações entre pessoas permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade. A complexidade humana não pode ser compreendida sem considerar seus elementos constituintes. Segundo o autor, “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (Morin, 2000, p. 54-55).

Neira (2011, p. 52) destaca que “A educação deve ser construída como um espaço público que promova essa possibilidade e como um local em que se forjem identidades sociais democráticas”. A vivência escolar deve ocorrer em um ambiente aberto ao debate, que acolha as diversas culturas e promova a compreensão e valorização das diversidades e das manifestações corporais dos diversos grupos sociais.

Desde “Metodologia do ensino da educação física” (Coletivo de Autores, 1992), já se enfatizava a necessidade de abordar questões sociais e culturais como referência reflexiva para a cultura corporal, superando o individualismo, em favor da solidariedade como princípio prioritário. O pensamento de Morin (2000), Neves e Neira (2019) consideram que as incertezas e as contradições como condição da vida humana e indicam a necessidade da solidariedade, a colaboração, a ética como conexão entre os saberes e as pessoas como algo fundamental

A liberdade de expressão pelo movimento, a emancipação e a recusa à dominação e submissão são essenciais. Reconhecer a importância do movimento é importante, mas a contemporaneidade exige a mobilização para desconstruir paradigmas e ressignificar o contexto escolar por reflexões e ações que promovam o reconhecimento, o acolhimento e a valorização de todos os saberes. Faz-se mister, assim, compreender que o ensino e a aprendizagem são mu-

táveis e moldados pela diversidade cultural e pelas múltiplas identidades presentes na sociedade contemporânea.

Machado e Bracht (2016, p. 859) sublinham que

[...] a Educação Física articulada com um projeto mais amplo de escolarização, aspecto no qual reside na sua potência. [...] cujo olhar em retrospectiva nos alerta para um constante repensar do próprio processo de produção teórica no campo, (normalmente naquilo que concerne ao reconhecimento das identidades, saberes e práticas daqueles que pisam o ‘chão da escola’); por outro lado, de maneira ambígua, não podemos ignorar neste impacto o impulso motivacional para o alcance de novas fronteiras de ‘autorrealização’.

Neira (2006) enfatiza a importância de possuir conhecimentos, valores, expectativas e experiências específicas dentro da experiência escolar. Neira e Nunes (2009) destacam a Educação Física fundamentada na teoria pós-crítica, enquanto Silva (2007) propõe abordagens que reconhecem a pessoa como sujeito social em uma sociedade que prioriza o direito a uma vida digna, questionando as ideologias dominantes de poder e valorizando as histórias e saberes daquelas cujas vozes são, frequentemente, silenciadas.

Neira (2011, p. 52) defende que a educação deve ser um espaço em que as “necessidades vitais, sociais e históricas” sejam plenamente satisfeitas e na qual a distribuição justa de riquezas, símbolos materiais e condições seja garantida. Segundo o autor, a perspectiva da teoria pós-crítica e do currículo cultural permitem à Educação Física,

[...] desde seu planejamento, procedimentos democráticos para a decisão dos temas que serão estudados e das atividades de ensino. Valoriza a reflexão crítica sobre práticas sociais da cultura corporal do universo vivencial dos alunos para, em seguida, aprofundá-las e ampliá-las mediante o diálogo com outras vozes e outras manifestações corporais (Neira, 2011, p. 53).

Neira (2011, p. 54) argumenta que o currículo cultural na Educação Física deve permitir que as vozes e gestualidades subjugadas sejam reconhecidas, incentivando encontros nos quais os estudantes possam refletir sobre a sua própria cultura corporal e explorar o patrimônio cultural de outros grupos. O docente, dentro deste currículo, deve estabelecer laços com as comunidades marginalizadas para incorporar conhecimentos subalternos e valorizar saberes que representem a diversidade presente nos grupos que formam tradições, práticas sociais e culturais, muitas vezes, desconsideradas pela comunidade escolar.

Além disso, o currículo cultural transcende as práticas corporais, abrangendo campos como história, sociologia, biologia, antropologia e política para enriquecer a compreensão de cada estudantes sobre as práticas corporais situadas socialmente e os seus praticantes (Neira, 2011, p. 125). A diversidade é multifacetada, mas cada componente deve ser considerado de forma gradual e contínua.

Assim, as aulas de Educação Física Escolar, quando baseadas em um currículo que valoriza a diversidade humana, promovem o crescimento pessoal e superam barreiras que limitam a participação de todos os estudantes, proporcionando novas oportunidades de descoberta e conhecimento. Segundo Neira (2011), a Educação Física escolar deve desafiar e desconstruir estereótipos relacionados à ideia de que esses estudantes subjugados são incapazes, devido às suas diferenças individuais.

De acordo com Neira (2018), o currículo cultural na Educação Física tem o potencial de promover a pedagogia da diferença, dando visibilidade e representando diversas práticas corporais e as pessoas que as praticam. Isso permite que cada estudante perceba as diversas maneiras de construir, contribuir e afirmar a sua identidade junto com o coletivo.

Neira (2016) enfatiza a importância de proporcionar momentos em que os estudantes possam posicionar-se sobre os acontecimentos da aula, sugerindo mudanças e diferentes atividades, por exemplo, o que ajuda a identificar necessidades reais de manutenção ou mudança. Essas ações promovem um ambiente de reconhecimento, respeito, pertencimento e valorização das diferenças.

As análises indicam que o currículo cultural da Educação Física ajuda os estudantes a entenderem as práticas corporais e a desconstruírem os discursos que as cercam, destacando o diálogo como elemento central na prática cotidiana. Pelo diálogo, temas foram selecionados e atividades didáticas ajustadas, conforme necessário (Neves; Neira, 2019, p. 7).

Oliveira Junior e Neira (2020, p. 5) afirmam que a “ressignificação decorre da produção cultural”, indicando que os esforços das pessoas da educação visam reconstruir as vivências das práticas corporais na escola. Isso implica a necessidade de ressignificar o currículo cultural da Educação Física, permitindo que estudantes modifiquem e recriem práticas corporais baseadas na sua própria diversidade cultural. Candau e Assis (2009) alertam sobre o risco de exclusão da diversidade nas escolas, o que pode levar à segregação e à negação das ações coletivas e das diversas conexões culturais.

Candau (2008) ressalta que a prática social reflete a condição cultural e, ao considerar que a Educação Física na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial, ainda se baseia no currículo e metodologias das escolas regulares, surgem questionamentos sobre a relevância de adotar o currículo cultural na escola especializada. Neira (2011) afirma que os significados emergem quando saem do discurso e se tornam parte da realidade, influenciando a maneira de compreender e validar nossas ações práticas. A diversidade de discursos e ações no ambiente escolar precisa estar interconectada para que as práticas sejam efetivas e significantes para cada estudante.

Candau (2008) também destaca a importância de uma educação multicultural que visibilize discriminações e preconceitos sutis nas relações sociais. Moreira e Candau (2003) observam que a escola tende a silenciar a pluralidade e a diferença, preferindo a homogeneização. Abrir espaço para a diversidade é um grande desafio que a escola deve enfrentar.

Neves e Neira (2019) afirmam que reconhecer a cultura corporal da comunidade ajuda a organizar as práticas corporais no currículo escolar, permitindo que os saberes culturais sejam contemplados e mobilizados nas atividades de ensino. Isso garante que os conhecimentos adquiridos fora da escola sejam integrados ao currículo escolar, compondo-o com diversas cores, sons e ações práticas.

Morin (2005) enfatiza que a sociedade é validada pelas interações humanas, e a diversidade cultural é fundamental para a humanidade. Ele destaca a necessidade de valorizar e respeitar as diferentes culturas como parte da evolução cultural e social. Segundo Morin (2000; 2005), viver e conviver com a diversidade humana, respeitando diferentes origens, culturas e necessidades, enriquece nossas vidas individual e coletivamente, promovendo inovação, criatividade e justiça social.

Neves e Neira (2019) e Morin (2000) consideram que as incertezas e contradições da vida humana indicam a necessidade de solidariedade e ética. Eles apontam que a Educação do Futuro exige esforços transdisciplinares que unam ciência e humanidade, superando a oposição entre natureza e cultura. Portanto, as práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar devem ser significantes para cada estudante, inclusive para aquele que possui condição diferente de movimento e necessita de suporte adaptativo especial. A organização pedagógica baseada

no currículo cultural, conforme o pensamento complexo, visa transformar a cultura e acreditar que o conhecimento se materializa na prática escolar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As pesquisas podem ser classificadas de diversas maneiras. Este estudo define os seus critérios para a implementação de aspectos pedagógicos de práticas corporais de movimento nas aulas de Educação Física, visando atender a uma demanda específica.

Com base nesses fundamentos, o objetivo principal da pesquisa é analisar como se dá a implementação de práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar, promovendo a autonomia e o protagonismo dos estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE. Os objetivos específicos incluem: proporcionar práticas pedagógicas que facilitem o desenvolvimento nos domínios conceitual/cognitivo, social/afetivo e prático/motor, analisando a eficácia das práticas pedagógicas desenvolvidas para esses estudantes.

A pesquisa é exploratória, conforme Moreira e Caleffe (2006, p. 70), pois visa identificar os fatores que contribuem para determinados acontecimentos. Esse tipo de pesquisa se aprofunda na realidade, explicando as razões e os motivos dos fenômenos. Portanto, de acordo com Barbier (2002), a pesquisa deve permitir que cada participante expresse a sua percepção da realidade, sendo um modelo aberto e dialético, que organiza e posiciona as pessoas como participante na resolução dos problemas, servindo como guia para a ação transformadora da realidade e da posição da pesquisadora.

No contexto da pesquisa, compreende-se que permitir ao estudante reconhecer-se possibilita despertar o autoconhecimento, promovendo autonomia e protagonismo, influenciando não apenas o ambiente escolar, mas também a mediação do acesso ao conhecimento e às mudanças necessárias em outros textos e contextos.

Barbier (2002) detalha que esse formato de investigação utiliza instrumentos tradicionais das Ciências Sociais, mas também adota ou inventa outros. Foca-se mais no conhecimento prático do que no teórico, já que os membros de um grupo estão em melhores condições de conhecer a sua realidade do que pessoas externas.

O estudo da realidade em movimento analisa as partes em constante relação com a totalidade, permitindo o uso da abordagem qualitativa. Moreira e Caleffe (2006, p. 73) afirmam que esse tipo de estudo “explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente”. Tal metodologia investiga detalhadamente um fato específico, grupo de pessoas ou fenômeno da realidade.

A escolha do método foi influenciada pela experiência da pesquisadora como professora, o seu envolvimento com cada estudante e a aplicabilidade dos instrumentos e contextos. As estratégias de estruturação dos conceitos e práticas da pesquisa foram alinhadas com o referencial teórico, utilizando artigos científicos relacionados ao tema. Os procedimentos de investigação, caracterizados pela pesquisa-ação, visam à mudança social e focam no conhecimento prático, com participação ativa de todas as pessoas do grupo.

A pesquisa busca articular a intervenção das práticas com os autores do referencial teórico para analisar e compreender as ações pedagógicas diárias de maneira individual e coletiva. Isso contribui para avanços nos debates sobre a realidade da Educação Física na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE. Compreender cada estudante como pessoa pertencente ao coletivo, com seus saberes, superações e frustrações, promove a sua participação solidária com autonomia.

A pesquisa-ação, conforme Barbier (2002), envolve participação coletiva e reconhecimento de cada participante como pessoa ativa, facilitando a transformação da realidade. Assim,

a escolha pela abordagem qualitativa é justificada, além de explorar as características individuais e cenários, abordando os significados e detalhes dos fatos e da realidade social do grupo.

Por ser uma pesquisa qualitativa e interpretativa, utilizou-se de anotações, gravações de vídeos e imagens das práticas pedagógicas durante as aulas de Educação Física Escolar, analisadas posteriormente a partir da análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo segue etapas que permitem compreender os resultados, começando com a pré-análise e a sistematização de ideias, formulando hipóteses e objetivos.

A categorização do material envolve exploração e abordagem dos registros das práticas. A pesquisa foi validada pelos registros, interferências e interpretações, focando na construção colaborativa e flexível de cada estudante, com a professora/pesquisadora como facilitadora. A coleta de dados durante toda a pesquisa incluiu observações, anotações, gravações e fotografias dos estudantes, respeitando o tempo de cada participante.

Gil (2008) destaca que a interpretação dos resultados deve ir além da leitura dos dados visíveis, incluindo fatores subjetivos como comunicação, emoções e crenças, para entender as pessoas de forma multidimensional. Franco (2012, p. 12) ressalta que “o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, figurativa, documental ou diretamente provocada”.

Os dados foram analisados conforme os procedimentos de Bardin (2016): a) pré-análise, b) categorização e exploração do material e c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação do material. Cada fase foi organizada para garantir uma compreensão abrangente dos conteúdos, agrupando informações em categorias adequadas aos objetivos da pesquisa.

As categorias propostas foram baseadas no pensamento complexo de Morin (2000; 2005) e nas práticas pedagógicas de Educação Física na perspectiva do Currículo Cultural (Neira, 2011). O estudo busca compreender o ambiente real, conectando-se de forma empática com outras áreas do conhecimento, além do espaço escolar, considerando fatores externos que impactam a sociedade e reverberam na escola.

Dada a escassez de pesquisas nesse contexto, há a preocupação em evitar a romantização e a estigmatização de pessoas com necessidades de suporte adaptativo especial. Reflexões e autoquestionamentos permearam todo o percurso da pesquisa, exigindo avanços e adaptações constantes, alinhando teoria e prática.

A pesquisa foi realizada com 31 estudantes na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE. Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2021, em 2011, a escola foi reestruturada, oferecendo a partir de 2012 escolarização nas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental – anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos – Fase I, com professores especializados, metodologias específicas e adaptações curriculares, adotando o nome de Escola Espaço e Vida. Há instalações para as aulas de Educação Física, como uma quadra poliesportiva coberta, piscina aquecida e coberta, sala de Educação Física adaptada, campo de golfe, pátio amplo, auditório e sala de informática, atendendo 185 estudantes em 24 turmas. Ademais, conta-se com uma equipe multidisciplinar composta por profissionais da educação, saúde, assistência social, além de pessoal de apoio e administrativo, financiados por convênios com a prefeitura, SEED/PR e SUS.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Mapeamento e visualização

A primeira categoria da pesquisa se refere ao entendimento inicial da diversidade do contexto da pesquisa, dos conhecimentos prévios que cada estudante possui e das suas habilidades e necessidades de superar barreiras. Esse é o momento de ver cada estudante na sua totalidade, fornecendo o suporte adaptativo necessário para garantir o acesso igualitário ao ensino e à aprendizagem.

Para que o ensino e a aprendizagem sejam eficazes, é necessário um processo complexo composto por várias partes interligadas. Esses textos e contextos de momentos diferentes são interdependentes e entender essa interconexão é essencial para a implementação das práticas pedagógicas na escola. Morin (2005) diferencia o pensamento simples, que aborda problemas diretamente, do pensamento complexo, que reconhece a natureza mutável da realidade e a diversidade de fatores envolvidos. O pensamento complexo não resolve problemas por si só, mas permite uma abordagem mais inclusiva e consciente, promovendo ações mais eficazes.

Esta primeira categoria envolve o mapeamento dos estudantes, um processo de conhecer e reconhecer as possibilidades oferecidas a partir das observações do que acontece no dia a dia, sem julgamentos, ouvindo e vendo com empatia. Rosenberg (2006) destaca que ouvir as necessidades profundas de si mesmo e dos outros permite novos entendimentos e relacionamentos. Neira (2011) enfatiza a importância de reconhecer o público-alvo para planejar e organizar os conteúdos a serem trabalhados, proporcionando ferramentas para uma compreensão mais ampla das práticas corporais no contexto social.

Refletir sobre os desafios dos suportes adaptativos especiais necessários para a participação nas atividades é crucial, considerando a diversidade humana e os diferentes contextos culturais e sociais. Morin (2000) destaca que entender o contexto como um todo interconectado, com suas múltiplas dimensões, é essencial. Neira (2011) reforça a valorização dos conhecimentos que cada estudante traz, pelo mapeamento individualizado, como ponto de partida para compreender e reconhecer as habilidades e necessidades adaptativas do coletivo com foco no indivíduo.

Neves e Neira (2019) indicam que reconhecer a cultura corporal da comunidade ajuda a organizar as práticas corporais no currículo escolar a partir da realidade. O mapeamento visa conhecer e valorizar as habilidades nos domínios conceitual/cognitivo, social/afetivo e prático/motor. Morin (2005) lembra que a realidade é fluida e em constante mudança, exigindo estratégias flexíveis para resolver problemas de imediato, médio e longo prazo.

O mapeamento ocorre em três momentos distintos: a) observação e registro das habilidades e necessidades, definindo o suporte necessário; b) planejamento de conteúdos significativos e adequados para as turmas e c) plano de aula coletivo focado no indivíduo, definindo atividades, materiais pedagógicos, locais adequados e suporte adaptativo, que estimulem o engajamento, autonomia e protagonismo de cada estudante.

Neira e Nunes (2022) descrevem o mapeamento como registro de dados das observações de campo, essencial para decisões pedagógicas baseadas na realidade. Esse processo permite prever o que será trabalhado, considerando os conteúdos do Componente Curricular da Educação Física Escolar e as necessidades específicas.

A escolha das turmas, independentemente da idade, visa demonstrar que a participação nas atividades é definida pela oferta e mediação de suportes adaptativos. Qualquer conteúdo pode ser oferecido, desde que seja significativo para os alunos e respeite as suas realidades. A conscientização e a experimentação das atividades promovem autonomia e protagonismo, incentivando a criação e a recriação de possibilidades.

Na pesquisa, os conteúdos de danças, jogos, brincadeiras, esportes e ginásticas foram trabalhados com base no Currículo Cultural, que valoriza os conhecimentos dos alunos, sem preconceito. A AAIDD (2020; 2021) e Neira (2011) sugerem que o objetivo principal das práticas corporais na Educação Física Escolar é proporcionar a compreensão e adaptação dos fundamentos de cada modalidade.

A releitura das práticas corporais permite uma compreensão mais ampla e flexível delas, valorizando a cultura e a identidade corporal. Neira (2011) afirma que a educação deve ser um espaço público, que promove a valorização das diversidades e manifestações corporais. Para o mapeamento, foram utilizados conteúdos de ginástica e dança para conhecer as especificidades das turmas, optando por atividades que permitissem participação e adaptação.

Durante a implementação, as ações planejadas provocam percepções internas e questionamentos, exigindo mudanças e adaptações constantes. A professora/pesquisadora mediou a comunicação e atividades com as turmas, utilizando diversos recursos de linguagem verbal e não verbal para promover a conexão e a participação. Neira (2011) destaca a importância de reconhecer e valorizar as formas de comunicação dos alunos, proporcionando um ambiente de reflexão sobre a cultura corporal na escola.

Neves e Neira (2019) afirmam que o mapeamento ajuda a reconhecer e valorizar as práticas corporais presentes na comunidade, permitindo um melhor planejamento das atividades no currículo, alinhado com a cultura local. Isso também facilita a harmonização entre a cultura dos estudantes e a cultura dominante da escola, servindo de suporte adaptativo especial para o planejamento da professora. A partir do planejamento dos conteúdos, definir quais atividades serão desenvolvidas, para quem, como serão oferecidas, quais estratégias pedagógicas utilizadas e quais suportes adaptativos especiais para cada estudante são aspectos detalhados no plano de aula. Para os estudantes que necessitam de suporte constante, esses estarão disponíveis em todas as atividades. Para aqueles que precisam de suportes ocasionais, a necessidade será evidente durante a realização da tarefa, exigindo que os professores estejam preparados para mudanças espontâneas trazidas pelos alunos durante a prática.

A participação dos estudantes pode ser total, parcial ou não ocorrer: a) participação total: o discente realiza a atividade solicitada, demonstra interesse e aceita suporte para criar e recriar novas tarefas; b) participação parcial: o estudante realiza a atividade de maneira limitada, necessita de suporte adaptativo para manter o interesse e continuar na atividade e c) não participa: o aluno recusa a atividade e o suporte oferecido, demonstrando desinteresse e apatia.

O mapeamento das quatro turmas revelou desafios e possibilidades para a implementação das práticas corporais, a partir da leitura real do que está vivo e acontecendo no dia a dia da vida escolar, permitindo desconstruir e reconstruir significados pelo significante para cada estudante que necessita de suporte adaptativo especial nas aulas de Educação Física Escolar, na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE. Houve um planejamento de atividades coletivas com o foco no aspecto individual, proporcionando um avanço gradual nas habilidades e dificuldades identificadas.

Segundo Neira (2011), é essencial ler o mapeamento e usar as informações fornecidas pelos estudantes para elaborar o planejamento, adaptando os conteúdos às necessidades de cada turma. O mesmo conteúdo pode ser aplicado com diferentes objetivos e estratégias, focando nas especificidades individuais e coletivas, tornando a prática escolar dinâmica e inclusiva.

A análise do mapeamento mostrou que existem inúmeras formas de alcançar os objetivos do Componente Curricular de Educação Física, respeitando a diversidade humana e utilizando a perspectiva do Currículo Cultural. Mesmo com a complexidade presente nas aulas de Educação Física, as respostas dos estudantes às práticas corporais demonstram a viabilidade de integrar princípios do Currículo Cultural com uma compreensão teórica que aborde a diversidade humana.

Morin (2005) considera que somos seres em constante construção, influenciados por aspectos físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais. A maturidade é necessária para entender as diferentes formas de comunicação dentro do contexto escolar e das práticas corporais. Rosenberg (2006) destaca que a comunicação é essencial para a conexão entre quem faz um pedido e quem o recebe, evidenciando que uma comunicação efetiva é crucial para mediar as interações e apresentar conteúdos de forma clara e compreensível.

A definição dos conteúdos, baseada no Referencial Curricular do Paraná (Paraná, 2018) para o Ensino Fundamental, foi ajustada para atender à diversidade das turmas e individualidades. Isso inclui objetivos gerais das aulas de Educação Física, objetivos dos conteúdos, objetivos do funcionamento adaptativo e organização das aulas e recursos pedagógicos.

Todas as aulas práticas são baseadas na releitura do Organograma da Educação Física nas APAES, da Propostas Pedagógicas Curriculares da Educação Básica nas redes de ensino do estado do Paraná, em conexão com as orientações das escalas SIS-A e SIS-C AAIDD (2020, 2021), que abrange cinco dimensões: a) habilidades intelectuais; b) comportamentos adaptativos; c) saúde; d) participação e e) contexto.

Os objetivos foram trabalhar os domínios conceitual/cognitivo, comunicação/afetividade e prático/motor, conforme a reinterpretação das habilidades e necessidades de suportes adaptativos especiais pela pesquisadora. Para os objetivos específicos de cada modalidade, a releitura como elementos da modalidade são variáveis, assim como a adaptação das tarefas de acordo com a identidade coletiva, com foco individualizado em cada turma e estudante, para que possam realizar as suas práticas corporais reais, conforme detalhado na categoria a seguir.

4.2 Efetivação da autonomia e do protagonismo

A segunda categoria é o momento de aplicar a primeira categoria e dar continuidade ao processo. Esta fase permite colocar em prática as interpretações e compreensões das realidades nos mais diversos textos, contextos e complexidades. Essa é uma oportunidade para oferecer suporte adaptativo especial, promovendo autonomia e protagonismo para cada participante da pesquisa (diretos: estudantes, professora/pesquisadora, atendentes, referencial teórico; indiretos: professoras regentes, famílias e equipe diretiva).

A professora/pesquisadora é a protagonista e desempenha um papel fundamental na mediação entre o seu conhecimento, a mediação entre os saberes das pessoas participantes e a aplicação das práticas corporais, utilizando os saberes trazidos por cada turma com foco individualizado. Morin (2000; 2005) enfatiza a importância de uma abordagem educativa transversal e transdisciplinar, que valorize o conhecimento pelos saberes individuais, relações e conexões efetivas na totalidade da realidade.

Pela releitura do referencial teórico pela professora/pesquisadora e das orientações das escalas SIS-A e SIS-C da AAIDD (2020; 2021), é possível compreender o processo pedagógico nas aulas de Educação Física Escolar. Primeiro, é necessário entender o papel da professora/pesquisadora no ambiente escolar e como as suas ações impactam as habilidades e necessidades de suporte adaptativo especial dos estudantes. Cruz e El Tassa (2016) chamam a atenção para a compreensão do papel e a atuação no dia a dia da cultura escolar, com a flexibilização de ações que favoreçam as conexões das relações pessoais, interpessoais que transformem habilidades e necessidades em estratégias e ferramentas para o ensino e aprendizado. Isso requer adotar posturas de responsabilidade, respeitosa ao processo efetivo e afetivo, da chegada, da permanência e do aprendizado.

Segundo Plestch e Glat (2012), não há um padrão fixo, mas é necessário desviar o foco das dificuldades de aprendizagem como um problema intrínseco do aluno para entendê-las como fruto das interações sociais e pedagógicas em sala de aula.

Portanto, a professora se torna uma mediadora do processo de ensino e aprendizagem, utilizando a primeira categoria para alcançar os objetivos das habilidades conceituais/cognitivas, sociais/comunicativas e práticas/motoras pelas práticas corporais. Quando um estudante cria uma tarefa ou movimento, a professora reconhece e valoriza sua contribuição, incentivando os demais a imitarem e participarem, o que aumenta o engajamento nas atividades presentes e futuras.

Neira (2011) ressalta a importância de legitimar e valorizar as vozes e expressões corporais historicamente subjugadas, oferecendo oportunidades de autorreconhecimento e autovalorização. Nesta pesquisa, imitar é visto como qualquer manifestação de entendimento e interesse pelo solicitado, seja realizando sozinho, tentando realizar sozinho ou aceitando suporte.

A participação é classificada como total, parcial ou não participação: a) participação total – realiza a atividade solicitada, mostra interesse e aceita suporte; b) participação parcial – realiza parcialmente, necessita de suporte adaptativo especial, pode dispersar-se e mostrar dificuldade em aceitar suporte ou criar atividades e c) não participação – recusa a atividade e o suporte, é apático aos estímulos e busca outras ocupações.

É essencial entender os motivos da participação parcial ou não participação, evitando julgamentos prematuros. A recusa pode indicar questões como desconforto, material pedagógico inadequado, falta de interesse, saúde física ou emocional ou, simplesmente, falta de vontade.

Todas as formas de manifestação devem ser acolhidas sem julgamento. Segundo Neira (2011), é crucial entender essas manifestações como indicações de mudanças necessárias. O processo se efetiva com empatia pelas habilidades e necessidades de todos os envolvidos.

A reflexão e a análise dos resultados buscam novos significados para as práticas pedagógicas diárias nas aulas de Educação Física Escolar. O ensino e a aprendizagem se concretizam em uma troca mútua de conhecimentos, conectando-se com a realidade e encontrando novas possibilidades.

A análise considera como os significados e significantes se realizam a partir das necessidades de suporte adaptativo especial. A professora/pesquisadora se desconstrói para se refazer com base nos signos e possibilidades coletivas, com foco na individualidade, promovendo a continuidade e a efetivação das aulas práticas.

4.2.1 Aula 1 - Mapeamento SEFA/Todas as Turmas - Ginástica Geral e Dança Criativa

A professora/pesquisadora incentiva a participação ativa dos estudantes pelo processo de escutar e falar, conforme ressalta Rosenberg (2006). Esse método permite que os alunos expressem os seus sentimentos e as suas necessidades e quem observa compreenda melhor os pedidos e as emoções. Inicialmente, todos compartilharam como se sentiam e se dispuseram a participar da aula. Durante as atividades corporais, os alunos seguiram as instruções da professora, recriaram variações e formas de realizar os movimentos, imitaram a professora e os colegas, com e sem suporte.

Neira (2011) observa que os(as) docentes são mediadoras(es), que promovem o processo criativo a partir das contribuições de cada estudante. Na Turma A, estudantes trouxeram referências de personagens de desenhos animados, sons e imitações de animais, refletindo suas experiências diárias no ambiente familiar. Já nas turmas B, C e D, os estudantes mencionaram referências de festas juninas, vivenciadas no ambiente escolar, comunitário e familiar. Um exemplo de interação na Turma B é um estudante que associou uma dança de forró à música religiosa, levando a um diálogo sobre a universalidade das músicas.

Segundo Morin (2005), todo conhecimento é uma interpretação e recriação, originado de sinais, signos e símbolos, compreendendo tanto a separação quanto a conexão, com a análise e síntese do simples e do complexo. As atividades corporais envolveram vídeos, música, dança e ginástica, servindo como estratégias de criação e recriação, respeitando a faixa etária, a habilidade e a necessidade de suporte adaptativo de cada estudante. Morin (2000) destaca que o conhecimento abarca o entendimento tanto das informações isoladas quanto do contexto global.

Bracht e Almeida (2019) enfatizam a importância de compreender as particularidades de cada estudante pela observação e escuta sensível, tornando o processo de ensino mais significativo e respeitoso. Os alunos também participaram da organização do ambiente para a próxima turma, seguindo as orientações claras da professora, conforme Rosenberg (2006), que diz que pedidos claros representam necessidades, encorajando o engajamento dos alunos.

O ambiente limitado facilitou o processo de comunicação, escuta e visualização de todos, bem como o acesso ao material pedagógico.

4.2.2 Aula 2 - Mapeamento QP/Todas as Turmas - Ginástica Geral e Dança Criativa

Os estudantes participaram das atividades propostas, mas houve uma grande dificuldade de conexão entre os alunos e a professora e entre os próprios colegas, devido ao ambiente físico amplo e à acústica desfavorável. Quando chove, a comunicação se torna quase impossível.

Na Turma A, os alunos são curiosos e exploradores, o que exige maior engajamento da professora para manter o foco nas atividades. A professora precisa mediar entre o que é criativo e o que tira o foco da proposta. Durante uma atividade, dois colegas se desentenderam, levando a uma situação em que a professora teve que intervir para acalmar os alunos e resolver o conflito.

Nas turmas B e C, a dispersão dos alunos no local da aula exigiu maior engajamento da professora para manter o foco. Na Turma D, é necessário mais cuidado para evitar quedas, com a maior parte da aula sendo realizada sentada ou no chão. A professora precisa estar atenta às necessidades individuais dos alunos para garantir a segurança e a participação.

Foi notado que é importante definir claramente o local da aula, o material pedagógico a ser utilizado e as atividades iniciais que engajam os alunos. As estratégias precisam ser flexíveis para atender às demandas que surgirem durante as aulas. Hykavei Junior (2022) destaca a importância de materiais diversificados, espaços apropriados e professores bem preparados para o desenvolvimento dos alunos com deficiência.

A Educação Física desempenha um papel essencial, especialmente para estudantes mais velhos, proporcionando oportunidades de participação em atividades coletivas e interação com os colegas.

4.2.3 Aulas 3, 4 e 5 – SEFA – Bocha Adaptada – Todas as Turmas

Inicialmente, o jogo de bocha foi apresentado, incluindo atletas com diversas condições motoras, os materiais utilizados, regras e adaptações necessárias. Neira e Nunes (2014) destacam a Educação Física Escolar como um campo sem adjetivações de certo ou errado, focado no diálogo das representações culturais.

A proposta das atividades foi oferecida de forma lúdica, incentivando a participação e a criação dos alunos. Neira (2011) observa que as diferenças funcionam como pontos de partida para a prática pedagógica, sensível à diversidade.

Hykavei Junior (2022, p. 47) ressalta que estudantes com necessidades adaptativas especiais “possuem especificidades e diferenças, assim o planejamento educacional deve ser adaptado de forma que atenda às necessidades”. Na Turma A e D, o conteúdo era novo, exigin-

do maior engajamento da professora. Na Turma B e C, os alunos já tinham conhecimento prévio do jogo, facilitando a participação.

A necessidade de uma nova estratégia para manter o foco no jogo ficou evidente, com funções rotativas entre atletas, árbitros e anotadores. Omote (2018) destaca a evolução constante da humanidade e a importância de reconhecer a unidade dentro da diversidade. Morin (2000) reforça que o conhecimento envolve tanto a separação quanto a conexão, análise e síntese.

4.2.4 Aulas 6, 7, 8 e 9 – Vôlei/Brincadeiras e Jogos de Matrizes Indígenas

Os alunos já estavam familiarizados com a dinâmica da aula. Nesse sentido, Neira (2011) destaca a importância de combinados que fazem parte da rotina. Os conteúdos foram apresentados de maneira concreta a partir de vídeos e atividades recreativas. Machado e Bracht (2016) destacam a necessidade de entender a complexidade do processo de ensino, mediando teoria e prática.

As aulas fluíram melhor com o passar do tempo e cada estudante se envolveu mais com as brincadeiras e o jogo de vôlei. Na atividade do “peixe e gavião”, a auto-organização e a criação dos estudantes ficaram evidentes. Um aluno da Turma A espontaneamente liderou uma atividade e os colegas o seguiram. Na Turma C, os alunos mudaram a dinâmica para manter o foco.

Na atividade de Voleibol, cada estudante foi incentivado a assumir diferentes funções, como jogador, árbitros e anotadores, promovendo a participação de todos. Neira (2011) enfatiza a construção de identidades sociais democráticas pelo debate e valorização das diversidades.

Machado e Bracht (2016) reconhecem a importância de valorizar as diversas experiências e conhecimentos dos estudantes no ambiente escolar.

4.2.5 Aulas 10, 11, 12, 13 e 14 – Tênis de Mesa/Dança de Matrizes Africanas

As turmas já têm afinidade com o tênis de mesa devido ao projeto de treinamento na escola. Na aula 10, dois colegas da Turma B foram apresentados à Turma A e cada estudante explorou movimentos corporais. Nos vídeos apresentados, as(os) estudantes aprenderam sobre a alegria das crianças africanas dançando e a importância da escola.

Na Turma B, um aluno comentou sobre a participação de cadeirantes no tênis de mesa e a professora explicou a importância de participar da aula para aprender. Neira (2016) destaca a relevância de proporcionar momentos de reflexão para as(os) estudantes.

A Turma C tinha maior afinidade com a modalidade devido à presença de atletas na turma, mas ainda assim havia dificuldade em aprender novas maneiras de jogar. Neira (2011) salienta que os significados influenciam a maneira de compreender a realidade e é importante integrar esses significados no processo de ensino

4.3 Mediação das Práticas Corporais para Estudantes da Educação Especial na Escola Especializada – APAE

Com base no referencial teórico sobre o Currículo Cultural, cultura corporal e práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar (Neira; Nunes, 2022; Simões et al., 2018), é possível identificar e implementar estratégias práticas. Esta seção explora as abordagens da professora mediadora na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE, considerando as especificidades das turmas e cada estudante.

Ao mapear as habilidades e as necessidades de suporte adaptativo individualmente, a professora mediadora pode desenvolver metodologias mais eficazes para o ensino dos conteúdos curriculares relacionados às práticas corporais, como esportes, dança e ginástica. As atividades são adaptadas para atender à diversidade de cada estudante, garantindo a inclusão e a participação do coletivo.

Uma estratégia fundamental foi o uso de vídeos demonstrativos das atividades, como bocha adaptada e vôlei sentado, tênis de mesa com cadeirantes, permitindo que as(os) estudantes visualizassem e compreendessem melhor as atividades. A demonstração direta pela professora, combinada com explicações claras, ajudou o coletivamente e individualmente cada estudante a ser autônomo e protagonista ao realizarem as atividades oferecidas.

A adaptação das atividades, conforme o andamento e as habilidades individuais, também se mostraram essenciais. A flexibilidade para ajustar acordos durante a prática permitiu a participação de todas as pessoas envolvidas na pesquisa de maneira efetiva e equitativa.

Além disso, a mediação na percepção dos objetos e no contexto das atividades ajudou cada estudante a compreender melhor as suas próprias maneiras de realizar as práticas corporais. Como exemplo disso, no exercício de bocha adaptada e no tênis de mesa, a professora incentivou a explorarem as texturas, pesos das bolinhas e raquetes e no vôlei e na brincadeira, eles perceberam o espaço, facilitando a percepção tátil e visual.

A separação de equipes por cores no jogo de bocha adaptada auxiliou na identificação e na compreensão das regras. Ademais, a divisão da quadra pela rede facilita a compreensão de equipe pertencente. Para estudante com deficiência visual, explicações verbais e orientações sonoras foram essenciais. Colocar as bolas ao alcance das(os) estudantes/jogadoras(es) promoveu a autonomia e a inclusão de todas e todos.

Mostrar danças de diferentes culturas também foi uma estratégia eficaz para incentivar a experimentação de movimentos e a percepção corporal. A observação de danças de outras culturas incentivou os estudantes a explorarem os seus próprios movimentos.

A percepção da força e direção, mediada pela professora e atendente, foi fundamental para o sucesso das práticas corporais. Jogos que exigem essa percepção promoveram o autoconehecimento corporal de cada estudante.

Por fim, é essencial que docentes ofereçam suporte adaptativo especial sempre que necessário, garantindo a participação plena de cada estudante nas propostas de atividades coletivas e individuais. A presença constante e adaptabilidade da professora mediadora e do atendente foram fundamentais para o engajamento e a inclusão dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversas ações têm promovido avanços na Educação Especial (EE) em ambientes escolares, especialmente com as novas legislações que garantem o direito à educação para todas e todos. No entanto, as práticas nas Escolas de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE, ainda enfrentam desafios teóricos e práticos. É essencial oferecer suporte adaptativo especial para cada estudante, reconhecendo a diversidade humana como um valor enriquecedor.

A formação acadêmica dos profissionais que atuam na EE ainda apresenta lacunas significativas, assim como as práticas diárias no ambiente escolar. As demandas existentes são responsabilidade de todas as instituições de ensino. Para oferecer subsídios necessários para que os profissionais compreendam a diversidade humana e adaptem suas práticas pedagógicas para atender às específicas de cada estudante além de um plano de atendimento individualizado, é preciso sair do discurso teórico para a prática viva da escola.

As Escolas de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE, muitas vezes, ficam invisibilizadas no contexto acadêmico e as práticas pedagógicas para a Educação Física nesses ambientes são pouco discutidas. É necessário que as escolas contribuam com um respaldo técnico suficiente para proporcionar práticas pedagógicas inclusivas.

Esta pesquisa focou no processo de efetivação das práticas corporais nas aulas de Educação Física na APAE, analisando todo processo para a efetivação de práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar e como podem promover a autonomia e protagonismo de cada estudantes com necessidade de suporte adaptativo especial em atividades coletivas e individuais. Observou-se que estratégias como pedidos claros, acordos colaborativos, resolução de conflitos pelo diálogo e mediação do acesso às atividades são fundamentais para a efetivação dessas práticas.

A pesquisa também destacou a importância de promover conhecimentos e mudanças efetivas e afetivas para todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. Valorizar os saberes trazidos de cada participante, principalmente de cada estudante, é fundamental para promover um ambiente inclusivo, sendo isso essencial para o sucesso das práticas pedagógicas.

Em resumo, esta pesquisa conclui que as práticas corporais nas aulas de Educação Física na escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE, seguindo a perspectiva do Currículo Cultural, promoveu a autonomia e o protagonismo dos alunos com necessidade de suporte adaptativo especial durante todo o estudo, permitindo acreditar que esses conhecimentos teriam continuidade e seriam transferidos para as atividades do dia a dia além da escola. Além disso, as práticas pedagógicas implementadas possibilitaram a aquisição de habilidades nos domínios conceitual/cognitivo, social/afetivo e prático/motor, evidenciando a eficácia das estratégias de mediação utilizadas. É essencial a continuidade e a aplicabilidade da pesquisa para que possamos fortalecer a aplicabilidade do Currículo Cultural neste ambiente escolar, que proporcionou horizontes promissores na compreensão do processo da efetivação das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar, na Escola de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial-APAE.

REFERÊNCIAS

AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITY (AAIDD). Escala de Intensidade de Apoios: versão para adulto (SIS-A) - Manual do Utilizador. Coimbra: FORMEM, 2020.

AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITY (AAIDD). Escala SIS-C de Evaluación de las Necesidades de Apoyo para niños y adolescentes con discapacidades intelectuales y del desarrollo. Salamanca: Instituto Universitario de Integración en la Comunidad, 2021.

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Pedagogia crítica da Educação Física: dilemas e desafios na atualidade. Movimento, Porto Alegre, v. 25, e25068, jan./dez. 2019.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (org.). Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

FRANCO, M. A. S. Entre a lógica da formação e a lógica das práticas: a mediação dos saberes pedagógicos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 109-126, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/R7rKK8P8Cx8jFXgbq6fYtm/?lang=pt> Acesso em: 03. nov. 2020.

GIL, A. C. Métodos e técnicas em pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HYKAVEI JUNIOR, P. A Educação Física Escolar nas Apaes paranaenses: diálogos, desafios e perspectivas. Orientador: Gilmar de Carvalho Cruz. 2022. 109 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, mai./ago. 2003.

MOREIRA, H.; CALLEFFE, L. G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF; UNESCO, 2000.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

NEIRA, M. G. Educação Física: desenvolvendo competências. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, M. G. O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores. Orientador: Tizuko Morchida Kishimoto. 2011. 323 f. Tese (Livre-Docente em Metodologia do Ensino de Educação Física) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NEIRA, M. G. Educação Física cultural: carta de navegação. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 82-103, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/11149> Acesso em: 20 mar. 2020.

NEIRA, M. G. Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Currículo cultural, linguagem, códigos e representação. In: Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física. São Paulo: FEUSP, 2022.

NEVES, M. R.; NEIRA, M. G. O currículo cultural de Educação Física: princípios, procedimentos e diferenciações. *Rev. Inter. de Formação de Professores (RIFP)*, Itapetininga, v. 4, n. 3, p. 108-124, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/1616>. Acesso em: 20 jan. 2021.

OLIVEIRA JUNIOR, J. L.; NEIRA, M. G. Significações dos estudantes sobre o currículo cultural da Educação Física. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Uberlândia, v. 42, p. 1-8, dez. 2020.

OMOTE, S. A formação do professor de Educação Especial na perspectiva da inclusão. In: Barbosa, R. L. L. (Org) *Formação dos Educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 153-169

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Parecer nº 07/2014. Pedido de análise e parecer da Proposta de Ajustes na Organização das Escolas de Educação Básica, na Modalidade Educação Especial, para oferta da Educação Infantil, do Ensino Fundamental – Anos iniciais (1º e 2º anos), da Educação de Jovens e Adultos – Fase I e da Educação Profissional, aprovada pelo Parecer CEE/CEB nº 108/10, de 11/02/10. Curitiba: CEE\CEIF\CEMEP, 2014. Disponível em: https://www.cee.pr.gov.br/sites/cee/arquivos_restritos/files/migrados/File/pdf/Pareceres_2014/Bicameral/pa_bicameral_07_14.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações – Educação Infantil e componentes curriculares do Ensino Fundamental. Curitiba: SEED/PR. 2018. Disponível em: https://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/docs_curriculares/PR/Parana_Referencial_Curricular_2018_CEE.pdf. Acesso em: 11 set. 2023.

PLETSCH, M. D; GLAT, R. Plano Educacional Individualizado (PEI): um diálogo entre práticas curriculares e processos de avaliação escolar. In: GLAT, R.; PLETSCH, M. D. (org.). *Estratégias Educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 17-34

ROSENBERG, M. B. *Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2006.

SILVA, Carla Regina. Oficinas. In: PARK; FERNANDES; CARNICEL (Org.). *Palavras-chave em Educação não-formal*. Holambra: Setembro; Campinas: CMU, 2007.